

ANA CAROLINA DE MORAES GODOI

REPENSANDO METÁFORA

A elaboração de Metáforas para a
Construção de Significado nos
textos filosóficos e a sua
Figuratividade como instrumento na
expressão de **Conceitos Abstratos**



A filosofia, ao longo de sua história, estabeleceu uma relação direta entre os conceitos e a construção de sistemas e textos filosóficos. Cada filósofo elaborou um estilo próprio de expressão, no qual a função dos conceitos remete ao todo de sua teoria. Ao mesmo tempo, precisa expressar aspectos do seu pensamento, em seus textos, que não são alcançados pela utilização apenas do léxico disponível, dos termos e conceitos já existentes. Assim, neste trabalho de construção e reconstrução de conceitos pela tentativa de ser compreendido em sua ideia original, o filósofo irá recorrer a metáforas, como recurso relacionado à sua necessidade de criar linguagem, ao mesmo tempo em que lida com a construção de sua filosofia. Portanto, este trabalho aborda esta relação entre o filosofar e a metáfora, tanto como um meio de expressar o pensar, quanto o de permitir uma compreensão, pelo leitor, do texto filosófico através da relação estabelecida entre a metáfora com o mundo sensível em que vivemos e possuímos dentro de nós como imagem.



REPENSANDO METÁFORA

a ELABORAÇÃO DE METÁFORAS
para a CONSTRUÇÃO DE
SIGNIFICADO NOS TEXTOS
filosóficos
E A SUA FIGURATIVIDADE
como INSTRUMENTO DE
EXPRESSION DE CONCEITOS
abstratos

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof. Dr. Sérgio Augusto Sardi

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof. Dr. Luciano Marques de Jesus

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof. Me. Eduardo da Silva Ribeiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

REPENSANDO A METÁFORA

A elaboração de metáforas para a construção de significado nos textos filosóficos e a sua figuratividade como instrumento na expressão de conceitos abstratos

Ana Carolina de Moraes Godoi



Diagramação: Lucas Margoni

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Godoi, Ana Carolina de Moraes

Repensando a metáfora: a elaboração de metáforas para a construção de significado nos textos filosóficos e a sua figuratividade como instrumento na expressão de conceitos abstratos [recurso eletrônico] / Ana Carolina de Moraes Godoi -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

66 p.

ISBN: 978-65-5917-481-2

DOI: 10.22350/9786559174812

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Metáfora; 2. Significado; 3. Conceitos; 4. Linguagem; 5. Abstrato; I. Título.

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
---------------------	----------

INTRODUÇÃO	11
-------------------	-----------

1 **17**

POSSIBILIDADES ENTRE O PENSAR E O DIZER

1.1 A FILOSOFIA E SEUS CONCEITOS	18
1.1.1 CONCEITOS E ABORDAGEM FILOSÓFICA	21
1.1.2 A 'TEIA' CONCEITUAL DE CADA FILÓSOFO	25
1.1.3 OS LIMITES DO DISCURSO FILOSÓFICO	28
1.2 LINGUAGEM E CONCEITUALIZAÇÃO	33
1.2.1 O SIMBÓLICO DISPONÍVEL	34
1.2.2 O SIGNO COMO REPRESENTAÇÃO DO PENSAR	37
1.2.3 PENSAMENTO E COMUNICAÇÃO	42

2 **47**

A METÁFORA COMO 'PONTE' ENTRE A INTENÇÃO E O SENTIDO NO TEXTO FILOSÓFICO

INTRODUÇÃO	47
2.1 CONSTRUÇÃO DA METÁFORA	48
2.1.1 COGNIÇÃO E ENTENDIMENTO DO MUNDO	49
2.1.2 A LINGUAGEM-INSTRUMENTO	53
2.1.3 AS RELAÇÕES ANALÓGICO-IMAGÉTICAS	58

CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
-----------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
-----------------------------------	-----------



APRESENTAÇÃO ¹

Esse texto nasce porque sinto que escrevi algo que precisa ganhar voz e vez no mundo. Me sinto privilegiada pela publicação na Editora Fi, a quem tanto prezo. Agradeço aos que me fizeram companhia nessa jornada até o presente momento e aqueles que ainda o farão. Filosofia é sorver a existência e dançar enquanto se faz um malabarismo de interrogações.

Metáfora sempre me encantou, desde sempre. Comunicar algo que elaborei em minha mente e que ganha corpo através da minha aquisição da linguagem, se transforma em palavras na língua que aprendi desde pequena – é algo extasiante. E hoje deixo chegar a público essas palavras tão bem desenhadas na mente e no papel. São passos de um percurso que considerava parados, mas apenas porque havia me esquecido de como eu me sentia inserida na filosofia e olhando através de suas perguntas e conceitos.

¹ Escrever essa apresentação é algo que até pouco tempo atrás eu nem pensava. Havia decidido esconder minha monografia no fundo de uma gaveta porque eu achava que não tinha escrito algo de valor. Hoje, 9 anos e 139 dias depois leio meu próprio texto encantada com a forma e a dedicação que foi feito. Eu pesquisei muito, fiz muitas perguntas, desenhos, mapas mentais, pedi dicas de leituras, comprei livros, ganhei livros, li na biblioteca da Universidade (um dos meus lugares favoritos de sempre, junto das livrarias e dos cafés). Havia uma pilha de livros gigantesca no meu apartamento (o primeiro em que morei sozinha, um JK muito bonitinho (simples e todo meu) lá no Menino Deus (nem acredito que consegui alugar aquele apartamento, que honra, bons tempos em que eu senti aquela sensação de estar “por minha conta” e ditando as minhas regras em casa). Eu estudava Filosofia na PUCRS, estudava lá porque fiz a prova do ENEM e tirei uma nota alta que garantiu minha vaga (poderia ter escolhido Administração, Publicidade e outras... mas estava completamente direcionada para a Filosofia – era a minha escolha) mais ter uma bolsa-parcial e conseguir financiamento estudantil do FIES de mais parte da mensalidade para pagar somente depois de formada. De outra forma, teria de conseguir um emprego que valorizasse os seus funcionários e pagasse uma boa remuneração ou pelo menos garantisse a faculdade. De qualquer forma, eu era (e ainda sou) completamente apaixonada por filosofia e por tudo que ela já me proporcionou e proporciona.

Quão prazeroso é ilustrar a minha própria capa, estabelecendo ali um jogo conceitual através do texto desse miolo que se segue. Quem consegue identificar o que conto, digo, tracejo, esboço, indico através do meu desenho (frente e depois verso)? Vou deixar vocês pensando um tempo antes de contar sobre ela... agradeço por me ler. Por desvelar comigo algumas questões. Que seja prazerosa a leitura, assim como foi escrever cada frase. (E reescrever, algumas depois).



O presente trabalho foi elaborado partindo de diversas leituras, tanto do âmbito filosófico, como de outras áreas de conhecimento. Desse modo houve a busca por elementos teóricos que embasassem esta análise superficial do tema. Para isso, foram tomadas como obras principais os livros²:

COSSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura dos textos filosóficos.**

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**

FAFIÁN, Manuel Maceiras. **Metamorfosis del lenguaje.**

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva.**

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente.**

E tomadas como obras secundárias os seguintes livros:

LIMA, Mesquitela. **Antropologia do simbólico: (ou o simbólico da Antropologia).**

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual.**

CASARES, Manuel Barrios; FERNÁNDEZ, José M. Sevilla (Ed.). **Metáfora y discurso filosófico.**

Desse modo, explicitarei de forma breve a sequência lógica do trabalho monográfico em questão:

A filosofia se utiliza, em suas formulações, de conceitos abstratos. Os textos filosóficos estão envoltos em conceitos que supõem uma compreensão por aqueles que entram em contato com eles. Estes conceitos são parte de um apanhado histórico-filosófico, construído através do

² As referências completas encontram-se no final deste trabalho, nas referências bibliográficas.

tempo e da necessidade de se expressar cada vez mais profundamente, e também panoramicamente, tópicos específicos. Cada teoria segue uma cadência lógica de conceitos e suas inter-relações causais, e fazem sentido segundo a hierarquia própria deles - fornecida pela coerência subjacente ao expresso pelo filósofo. Assim, cada filósofo encontra-se em um caminho particular, e da mesma forma, se relaciona tanto com a própria filosofia quanto com os conceitos a seu modo. Partindo disso produz seus argumentos, através de um jeito somente seu - a perspectiva de um ângulo que carrega em si a bagagem do que viveu anteriormente e somada à objetiva intenção de dizer ao mundo, de interagir com ele, a partir deste seu campo de visão. A fim de expressar algo, há de utilizar-se da linguagem, e conseqüentemente de sua língua materna, para proferir sentenças significativas. A possibilidade daquele que lê um texto de conceber significado se dá pelos termos, nas palavras - e ainda, dentro da filosofia, os conceitos - para o reconhecimento daquilo que é dito. Ou seja, a compreensão do expresso, filosófico ou não, necessariamente depende de reconhecer as palavras dispostas ali em composição dos argumentos que lhe compõe, e assim também os termos filosóficos próprios de cada teoria. Mesmo que o filósofo crie conceitos, ou os reformule, os delimite, ou os reconstrua - ele precisa tornar claro o contorno de seus argumentos. Entretanto, nem sempre é possível fazê-lo utilizando-se apenas do léxico disponível e dos termos já concebidos. Ele pode criar conceitos, dar nome original ao estado de coisas dentro de si - a conceitualização inerente ao dizer filosófico. O ato de conceber um conceito como necessidade de expressar algo novo, seguindo pelo caminho já aberto pelas teorias anteriores, seus problemas e conceitos já fundamentados.

Há vezes, porém, no qual o conteúdo do seu pensamento está longe demais do dizível, daquilo que é possível expressar – e por mais termos que ele tente acessar, por mais palavras que busque agrupar: nenhuma formulação chega perto de seu pensar. Entre isso, há o movimento de expressar algo e se fazer compreensível para aqueles que tomarão contato com o que foi exposto levando em consideração os limites do saber de outrem. Esse saber é subjetivo, intrínseco, inalienável, inacessível, impalpável; submerso entre a bagagem do vivido, do sentido e do pensado. O filósofo pode apenas supor até que ponto este outro ser já seguiu entre suas próprias reflexões. Realizar a tentativa de estabelecer os limites do que está encerrado no outro, o conteúdo ativo e passível de contato, para assim se fazer legível, através das palavras em exposição lógica. E seu raciocínio lógico está ligado ao seu pensamento – ao seu exclusivo modo de pensar e aquilo que é evidente para si. Acumulou conceitos, teorias, reflexões, análises – em suma: saberes. Faz daí, portanto, uma explanação segundo o panorama que lhe permite concatenar todos estes argumentos. Aquilo que é óbvio para ele pode não ser da mesma maneira para outro indivíduo, os óbvios podem se distinguir por vírgulas entre vivências em paralelo. Ao mesmo tempo, pretende somar aquele que lhe toma o texto algo de evidente, e assim precisa tornar evidente para o outro aquilo que já é evidente para si – seguindo uma exposição coerente de argumentos encadeados levando em consideração o que já é palpável filosoficamente a esse leitor. São múltiplas tensões que se fazem ao mesmo tempo: a tensão primeira entre a intuição do conteúdo pensado e o que realmente o pensamento consegue esboçar, após vem a tensão entre essa lógica interior e o que é possível expressar através de palavras, sentenças e mais: conceitos. Em seguida a tensão entre o que é passível de ser dito e o como dizer, além do

tensionamento que provém da suposição do alcance do saber daqueles que lerão suas formulações e de suas reais capacidades de lhe compreender.

Em contraponto, a compreensão de algo é propiciada não só pelas vivências – pois elas são apenas parte de um todo que nos ambienta, mas também pela possibilidade de expressão deste meio em que atuamos cotidianamente. Cada indivíduo tem, em seu vocabulário, um instrumento tanto para a assimilação do mundo, como para a interação e criação de novos parâmetros e conceitos. Servimo-nos de palavras, que justapostas, reproduzem nossas impressões sobre cada situação. E o léxico disponível em cada língua provém de uma história particular que está por trás dele mesmo. Entretanto, por mais particularidades contidas em sua formulação, e subsequente formalização, há elementos comuns entre as diversas línguas e estes permitem que os seres humanos traduzam seus textos. Senão apenas seria compreensível um texto lido pelos usuários de uma mesma língua materna. Somos todos parte de um mesmo universo simbólico e por meio da análise dessa simbologia que perpassa o ser humano e está presente na linguagem – que subjaz a língua e atravessa o imaginário, chegamos à imagem. E conseqüentemente às figuras guardadas pelo homem em si e que categorizam o absorvido do mundo. No início da linguagem a representação das coisas era através de desenhos pictóricos que se referiam a cada objeto particular com a sua forma específica. Uma mulher era desenhada como uma pessoa do sexo feminino e uma casa era desenhada com o formato da casa vista, se era grande era desenhada grande e se pequena, o inverso. Se o intuito era dizer que um gato havia comido um rato o desenho representaria a cena: as imagens eram o mundo escrito. No entanto, com o passar do tempo – e a necessidade de ser mais preciso – o

homem foi dando nomes às coisas desse ambiente que lhe rodeava: os significados atrelados às concepções mentais do mundo e do vivido. Então o homem conseguiu se fazer compreender em questões cada vez mais específicas, cada vez mais intrínsecas e subjetivas – para assim poder expressar o além-mundo, o seu interior não representado nas coisas dadas fora dele. Mas eis que o mundo e as coisas estão dentro dele, representadas. E ele tem poder sobre elas, pois pode se utilizar do comumente vivido e sentido para expressar o pensado – explorando as imagens que estão dentro de todos os que também vivem neste mundo e conseguem reconhecê-las. Através do comum para o particular.

As metáforas seguem este caminho, pois recolhem do mundo as formas para dar sentido ao que é dito, e permitindo também que algo seja dito – promulgando uma compreensão. Propiciando um diálogo: duas partes que se comunicam e chegam a um lugar-comum, a equivalência dessa figuração interna como a ponte que faz o emissor e o receptor de um conteúdo exposto se encontrarem e, desse modo, haver a compreensão sem depender somente do que as palavras conseguem expressar. O caminho que leva para mais perto da própria origem do pensamento, além da formalização da língua. Desse modo podemos supor a metáfora mais do que apenas um recurso embelezador de argumentos, utilizada para tornar belos os discursos. Ela permite o dizer por chegar além do que é possível ser dito através de conceitos já concebidos, pois ela soma elementos intrínsecos, automaticamente reconhecidos do mundo sensível, de participação comum – e os recoloca no discurso tecendo relações entre eles enquanto os re-significa a partir dessa nova, e na maioria das vezes inusitada, associação. Assim, também permite a criação e posterior expressão de um conceito em sua forma original, pensada, sentida – e singular. Por estar mais perto do

simbólico e figurativo que compõe o pensamento humano ela permite a sua manipulação conduzida pela linguagem enquanto expressa pela língua. A metáfora está por fora da formalização que faz sucumbir a criação originária, do sentido se perdendo a medida que o filósofo traduz o pensar através do escrever.

Entretanto, basta a leitura atenta dos textos filosóficos para percebermos que estão embebidos de metáforas, pois há momentos em que só a imagem consegue traduzir o que querem expor. Se fôssemos completamente literais em filosofia, muito não seria dito – e talvez possamos arriscar que muito não seria sequer pensado. As próprias palavras contêm metáforas ossificadas, como disse Ricoeur, e não as percebemos num primeiro instante como tais porque já fazem parte do nosso vocabulário e estamos acostumados a elas assim.



POSSIBILIDADES ENTRE O PENSAR E O DIZER

Os limites entre o pensar e o dizer, o expresso e o compreendido – e o próprio ato de se fazer entender, passa pelo processo do pensamento em sua amplitude de relações com o mundo e a subjetividade característica de cada indivíduo. Para que possamos refletir sobre o discurso filosófico, e seus textos, é necessário um desdobramento da própria comunicação em uma visão panorâmica, passando pela elaboração do pensamento e da forma como o mundo é representado em nosso interior. Cada filósofo é, antes de tudo, um ser humano que se expressa do mesmo modo, e a partir dos mesmos meios de outros seres humanos. Seu conteúdo é diverso por fatores que incluem uma gama de experiências e de saberes adquiridos, além de sua particular maneira na apreensão do mundo ao somá-lo à sua “bagagem”. Assim, a elaboração sobre o caminho do pensar ao dizer diz respeito às duas partes, tanto ao filósofo que diz algo quanto ao seu leitor.

Entretanto, a expressão do seu pensamento inclui certa formalização necessária na filosofia, por ser pensada, apresentada, definida e elaborada por meio de conceitos.

Esta capacidade de abstração de qualidades comuns e de colocar um nome à qualidade geral deu origem ao *conceito*. O conceito viria então ser a imagem formada na mente do homem após perceber muitas coisas semelhantes entre si. [...] Em lugar de ter de guardar em sua memória mil palavras para mil pedras diferentes, agora tinha de lembrar apenas o conceito de pedra e seu signo correspondente: a palavra “pedra” (BORDENAVE, 1982, p. 65) [grifo do autor].

Dessa forma, também precisa ser amplificada a visão do próprio ato de conceitualização em filosofia, que é a capacidade de um filósofo de criar conceitos para expressar o seu pensamento tecendo-lhe relações não só com a própria filosofia como um todo, entre suas teorias, mas dentro de uma construção teórica própria. A significação vai depender de inter-relações entre os conceitos e destes com o problema a que pretende responder em sua elaboração, mas necessita, além disso, do reconhecimento do que é dito por quem o lê. E estabelecer as relações entre o exposto no texto, dentro do conteúdo filosófico, depende de vivências também subjetivas por parte deste leitor. Contudo, também não podemos ignorar o fato de uma busca objetiva do filósofo, por significar o pensado através do texto, como também da procura do leitor por adquirir, ampliar e apurar este conjunto de saberes necessários.

1.1 A FILOSOFIA E SEUS CONCEITOS

Se formos considerar os conceitos mais utilizados em filosofia, tendo como fonte de referência um dicionário de termos filosóficos, teremos mais de mil verbetes a dispor de uma leitura descritiva. Entretanto, para o perfeito entendimento de um conceito deve-se estabelecer uma conexão com outros termos em um contexto teórico específico. Um conceito isolado é apenas um vidro vazio com um rótulo, e vai depender da contextualização e da referência a sua análise qualificada.

Visto isso, devemos ainda considerar que estes conceitos se subdividem e se inter-relacionam, formando assim outras tantas definições. Entretanto, eles assim foram conduzidos por seus desenvolvimentos através do tempo e diante da necessidade de o filósofo poder dispor de termos cada vez mais específicos para expressar o que havia de único

em seu pensamento. Quem faz parte do meio filosófico tem de qualificar cada vez mais o seu vocabulário, adquirindo mais contatos com verbetes e seus significados dentro de cada ramo e dentre estes, conseqüentemente, em cada filósofo.

Filosofar é pensar por si mesmo; mas ninguém consegue fazê-lo de modo válido se não começar por se apoiar no pensamento dos outros, e especialmente no dos grandes filósofos do passado. A filosofia não é somente uma aventura; é também um trabalho, que não se realiza sem esforço, sem leitura e sem utensílios (COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 13).

A análise e compreensão de textos serão parte do cotidiano daquele que está em contato direto com argumentos filosóficos, e não depende somente de um bom vocabulário e de uma boa capacidade de deduções lógicas. É preciso apreender e reaprender conceitos, reconhecendo-os em sua significação específica em cada contexto discursivo, delimitá-los, distingui-los e, ainda, interagir com eles enquanto procede a leitura de um texto cujos vários conceitos e expressões se fundem e se ampliam numa ramificação lógica dotada de coerência interna.

Lendo um texto filosófico, temos a impressão de estar fechados dentro de um universo que constrói seu próprio sistema de referência através da criação de uma terminologia abstrata e, ao mesmo tempo, graças ao esforço intelectual de leitura, à medida que nos familiarizamos com esse universo, temos o sentimento de que nele há muito de nosso mundo, o texto operando permanentemente uma passagem do abstrato ao concreto (COSSUTTA, 2010, p. 50).

Sabe-se não ser tarefa fácil a de estar envolto neste universo, em que uma vasta teia de conceitos se funde e se sobrepõe. Tanto os que escrevem textos filosóficos, quanto os que os leem e os interpretam, sabem do cenário a ser construído – etapa após etapa – de enumerar e

explicitar seus argumentos de forma coerente no decorrer do discurso. Há uma sequência lógica a ser seguida para tal, e os conceitos são a parte fundacional necessária ao panorama que será montado.

As áreas específicas na filosofia são diversas e cada qual possui em si uma terminologia própria, forjada a partir das teorias que se fizeram ao longo do tempo. Não é apenas uma decorrência temporal que as constrói, mas sim uma tentativa, dos filósofos, de dizer algo cada vez mais próximo de seus pensamentos. Evitamos aqui levar em consideração a relação da asserção *versus* fato³ e questionar as “verdades” embutidas em seus discursos. Seria extenuante procurar alegar, dentre tantos pensadores, qual remeteu sua teoria efetivamente à realidade, ou, pelo menos, teria chegado mais “próximo” dela. Até mesmo porque os conceitos de “verdade” ou “realidade” somente são determinados a partir de cada filosofia, na sua coerência interna. Entretanto, deveremos questionar a relação do filósofo com a linguagem, desde a criação de seu estilo à criação e explanação de conceitos.

A linguagem filosófica permite que realizemos uma tradução do mundo para além do senso comum – além de permitir que nossos pensamentos ganhem corpo expressivo e forma lógica. Desse modo, o que filósofo vai dizer depende diretamente do ambiente em que se encontra e, conseqüentemente, de aspectos culturais relacionados ao contexto em que formulou os problemas de fundo que orientaram a sua produção, mas depende também dos “conhecimentos” adquiridos previamente por ele, das suas vivências e do modo como as apreendeu, do seu aprofundamento teórico, de seu trato com a linguagem e de sua

³ Asserção *versus* fato, na analítica da filosofia da linguagem, em que, quando emitimos um juízo, ao nos expressarmos, ele deve se referir ao mundo – ou seja: a realidade.

intenção⁴. Tudo isso compõe uma sequência de fatores que contribui para a compreensão dos seus textos.

A obra em filosofia, quer seja apresentada sobre forma de tratado dedutivo ou de aforismos brilhantes, é um todo que se engendra e se desfaz, aberta ao mundo e ao sentido, mas igualmente redobrada sobre o universo que ela gera. É um conjunto móvel, animado por um movimento interno, que desenrola um feixe de virtualidades discursivas segundo regras e modalidades que podemos explicitar e analisar (COSSUTTA, 2010, p. 6).

Filosofar é assumir certos pressupostos como parte inerente ao discurso, dado que somam significado aos vários desdobramentos teóricos. Um filósofo toma como parte de seus argumentos os necessários à formação de base para desdobrar aquilo que tem a dizer e constituir a sua “construção” teórica.

1.1.1 CONCEITOS E ABORDAGEM FILOSÓFICA

A filosofia não é uma ciência, pelo simples fato de não possuir em si um método que lhe dirija os movimentos, um “como fazer”, um *modus operandi*, um “passo-a-passo” considerado válido – e seria inusitado se alguém propusesse tal feito. Se lida com problemas, os mais diversos, e os ângulos expostos dependem unicamente do “campo de visão” de cada filósofo. Cada problema está ligado a um campo de outros superproblemas (ou subproblemas), e assim sucessivamente, sem poder dizer onde fica o fim e se há algum a ser descoberto. Os nós que mantêm este tramado de teorias firme são os conceitos. Eles ligam as teorias umas às outras e também se interconectam, dentro de um discurso particular,

⁴ Podemos considerar vários níveis de intenção: o de meramente introduzir um termo, o de aprofundar argumentos, o de convencer o seu leitor de sua formulação lógica, entre outros.

fornecendo assim o sentido ao que é dito. Assim, a revalidação constante destes conceitos que perpassam teorias permite que estas se complementem, sob algum ângulo, e sejam parte do mesmo apanhado teórico, tanto em um tema particular como na gama das teorias filosóficas. Assim, podemos destacar que “a construção do conceito permite manipular os termos significantes sem reexplicitação permanente do sentido e da referência; é a condição de sua eficácia operatória⁵”. A equivalência de termos permite a interação de exposições, mesmo entre áreas não afins⁶.

Alguns conceitos são mais frequentes e aparecem na maioria dos textos filosóficos, relacionando-se com o texto de maneira particular na elaboração própria de cada filósofo. Estes conceitos têm uma base comum, a antiguidade, em que os termos foram disseminados nas primeiras fundamentações filosóficas. As análises feitas já naquela época continham conceitos delimitados na tentativa de dar-lhes valor racional, construindo suas “formas”.

Através dos tempos, abordados sob diferentes paradigmas, os delimitadores iniciais foram se modificando com a intenção de aprofundarem-se mais em cada teoria. Entretanto, por mais que sejam abordados de forma diferenciada eles contém em si um elemento unificador que visa sua universalização⁷. Quando falamos de “liberdade”, que é um conceito bem amplo em filosofia, podemos vê-lo sob a ótica de um ou outro filósofo – que o adequando ao seu discurso o modificará em

⁵ COSSUTTA, 2001, p.61.

⁶ Neste caso, remete ao distanciamento teórico. Epistemologia conduz raciocínios diversos de filosofia da linguagem e de antropologia, por exemplo, mas os conceitos em comum permitem que se auto-refiram entre suas explicações. Além disso, seguindo por uma visão filosófica, há uma inexistência de barreiras para o filosofar – por mais que o saber em questão esteja especificamente delimitado em uma área fora do “traçado” da filosofia.

⁷ Ser compreendido em uma relação “ampla” com a realidade, estabelecendo relação mais geral com os argumentos em vez de particularizá-la.

algum ponto – mas também podemos apenas estabelecer, no seu significado amplo, que designa a não limitação de um indivíduo ou sociedade.

A filosofia “trabalha” com conceitos para expressar suas teorias e há conceitos que podemos descrever como centrais – já que perpassam a linha histórico-temporal e os discursos filosóficos mais variados.

O filósofo é amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

Um conceito “faltando” a uma teoria muda completamente a sua “paisagem”. Podemos clarear a questão pensando que os conceitos são os personagens de uma história. Eles estão inter-relacionados e fundamentam os acontecimentos, eles são o esqueleto e as situações “criam a carne” em volta e dão o formato com contornos mais delineados. Digamos que há os personagens Alice e Frederico, que são os principais em uma trama em particular. Ao tomarmos contato com o texto, comentarmos e nos referirmos a ele, iremos mencioná-los, pois fazem parte e dão significado àquela argumentação. Se alguém nos cita Clara e Rodrigo nós não vamos automaticamente lembrar daquilo que tínhamos lido e retido em nossa memória porque para nós estes nomes são estranhos a esta história. E se no continuar do diálogo a pessoa menciona fatos contraditórios também com aquilo que recordamos percebemos que ela não está dialogando sobre o mesmo texto que nós. Mas, ao contrário, suponhamos que ela mencione Clara e Rodrigo em conjunto com a sequência de fatos exatamente como lembramos, com riqueza de detalhes. Teremos então de retomar o livro em mãos para verificar qual memória está fazendo confusão: a nossa ou a do nosso interlocutor.

Do mesmo modo, os personagens Alice e Frederico podem aparecer em outras histórias inter-relacionados a fatos completamente diferentes – e será a mesma nomenclatura. Assim também os conceitos na filosofia atravessam várias teorias, através de filósofos diversos e em tempo-espaço diversificados. O panorama histórico-cultural interfere diretamente na escolha de conceitos, na hierarquia deles e na forma como são explicados. O mundo nunca deixa de estar presente naquilo que é dito, inclusive filosoficamente, pois “a filosofia aborda o mundo e o explicita progressivamente a partir de um determinado discurso, isto é, ela aborda a linguagem e a explicita a partir de uma perspectiva determinada (STEIN, 2010, p.15)”.

Cada conceito está ligado a uma doutrina e esta: o define, delimita, interliga e estabelece sua prioridade dentre aquilo que está sendo exposto. Há os principais e os secundários – e o filósofo em questão vai ordená-los segundo a sua coerência interna. Estes poderão ressurgir com suas prioridades invertidas em outras exposições, pois a remetida coerência é particular a cada teoria⁸. Entretanto, ele terá de seguir uma coerência mais ampla – e isso só pode ocorrer através do cuidado em evitar um distanciamento “abismal” da linguagem já estabelecida.

Mas não basta fixar o sentido das expressões num vocabulário para que seja instituído um universo autônomo de sentido, pois é preciso ainda integrá-las em contextos que concorrem para a construção de sua significação. *Não se pode dissociar um conceito dos usos que são feitos dele* (COSSUTTA, 2001, p. 42) [grifo do autor].

⁸ De modo algum se afirma aqui que ela não deve, ou não é, coerente às outras teorias já expostas. Apenas que a coerência-primeira deve se dar entre os argumentos daquilo que é dito pelo filósofo, tomando uma exposição particular – já que há casos de o próprio tomar um rumo diferente na sua sequência (temporal) de explicações e num texto futuro contrariar aquilo que disse antes. Assim, novamente terá de tecer uma argumentação coerente através da revisitação de seus conceitos, ou da reformulação, ou da nova abordagem do tema, entre outras formas de fazê-lo.

A conceitualização é indissociável do dizer filosófico, por ser a possibilidade de expressar o pensamento como um caminho para tornar “corporificado” aquilo que é anteriormente apenas reflexão.

1.1.2 A ‘TEIA’ CONCEITUAL DE CADA FILÓSOFO

Cada filósofo, desde os mais remotos tempos, utiliza-se da linguagem e sua simbologia, da língua e seu léxico, para referir-se ao mundo e estabelecer suas relações de análise e argumentações. Para tanto, acaba por utilizar uma terminologia própria e desenvolvida ao longo de sua construção – decorrente da relação com os conceitos e com o tema. Como o seu discurso será mais um dentre os outros que já possuem uma estrutura filosófica, além de fundamentação conceitual prévia, terá de seguir um caminho “comum” em meio a sua busca por traçar os seus pensamentos de forma particular e original. E, na tentativa de acrescentar sua constatação ao conjunto de teorias precedentes, precisa necessariamente se remeter a um “apanhado filosófico” de conceitualização – com uma “teia” de conceitos que se relaciona entre si. O filósofo, ao pretender dizer algo, precisa ser o menos ambíguo possível e o mais explícito e específico, para que assim possa ser compreendido em suas premissas e afirmações.

Ao mesmo tempo, podemos considerar que suas elaborações se fazem acima de uma base formada a partir de suas próprias vivências junto da filosofia. Ele reproduz seu pensamento, e se antes era um aprendiz de todos estes termos e outras afirmações, agora se torna autor de relações lógicas entre conceitos e os reformula enquanto ergue seu próprio embasamento filosófico. Ao se relacionar com todo este patamar de formulações sobre o mundo, se torna parte disso e considera todo o já dito para conceber as suas próprias.

Entretanto, não pode “pegar” um termo e levá-lo para tão longe de sua origem que já não possa mais ser reconhecido através de seu elemento comum. Ele deve respeitar uma essência, um núcleo, algo de indivisível que permita uma re-significação do mesmo – condizente teoricamente com suas formulações filosóficas neste momento sem afastá-lo da possibilidade de compreensão. Desconexo um conceito pode tornar-se apenas uma palavra, que vazia de relações, está vazia de significado.

Um conceito está privado de sentido enquanto não concorda com outros conceitos, e não está associado a um problema que resolve ou contribui para resolver (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 95).

Para “construir” uma teoria filosófica, expressar argumentos, definir parâmetros, delimitar espaço de abordagem entre as possibilidades do dizer no amplo leque teórico em filosofia – um filósofo precisa, indispensavelmente, se expressar a partir de uma formulação coerente, interligando assim conceitos. Sobretudo, procedendo através deles para moldar seu discurso e fundamentar sua teoria – já que haverá uma forma, particular, toda sua, de dizer sobre um problema específico aquilo que “lateja dentro de si”.

Todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. É por isso que, de Platão a Bergson, encontramos a ideia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 23).

Segundo Deleuze e Guattari, “os conceitos cartesianos não podem ser avaliados a não ser em função dos problemas aos quais eles respondem e do plano sobre o qual eles ocorrem” (2010, p. 36). E isso se deve à

ligação dos conceitos com os problemas também ligados ao patamar temporal que lhes “ambienta” a formulação.

Um filósofo pode, a partir do que foi dito por outro, relacionar os conceitos com outro problema ou tomar o mesmo problema e adicionar novos conceitos. E mesmo reestruturá-los, ou algum em particular, para estabelecer a ele um novo significado, uma nova maneira de se inter-relacionar com os outros.

Porém, nem sempre o filósofo encontra no leque filosófico um que – em sua tentativa de exaltar, mostrar, explorar – “alcance” a sua formulação teórica. Então passa a um novo patamar, que se faz necessário, o da criação de um conceito. Este é resultado de um processo de expressão, nas tensões entre conceitos já estabelecidos e na intenção de dizer algo novo – ou que pelo menos se aproxime daquilo que está projetado na mente do filósofo. Levando em consideração o termo projeção, o conceito “ajusta o foco” para que a imagem exibida para o leitor seja praticamente a mesma estabelecida interiormente. Logo, ele parte do léxico disponível em sua língua materna na busca de uma palavra que possa servi-lo, ao menos de chassi – quando adiciona elementos que a modificam, dando-lhe o formato apropriado. Se preciso for, ele seguirá para o nível de criação de uma, pois “às vezes os filósofos procuram se infiltrar na língua comum, utilizar todos os recursos dela; outras vezes procuram rompê-la e instaurar um alto nível de tecnicidade” (COSSUTTA, 2001, p.59).

E é bem o que significa a criação de conceitos: conectar componentes interiores inseparáveis até o fechamento ou saturação, de modo que não se pode mais acrescentar ou retirar um deles sem mudar o conceito; conectar o conceito com um outro, de tal maneira que outras conexões mudariam sua natureza (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.109).

Ao proceder assim, deverá fundamentar seu uso da linguagem, especificando seus conceitos e tornando-os claros em coerência com a sua teoria. Não basta apenas “jogar” os termos entre as linhas do texto ignorando a necessidade daquele que o lerá de “compor” o mosaico que se forma – entre termos e argumentos. Desse modo:

[...] as preocupações que concernem à significação conceitual não são exteriores à atividade filosófica, mas desempenham um papel fundamental na constituição de um universo de significação autônomo (COSSUTTA, 2001, p.47).

A gama de conceitos tanto é fonte de novas reflexões quanto a base no qual as anteriores estão construídas.

1.1.3 OS LIMITES DO DISCURSO FILOSÓFICO

Na antiguidade possuía-se uma diferenciação entre os textos ditos esotéricos, para os “iniciados”, e os exotéricos, para os “de fora”. Assim, algumas elaborações mais aprofundadas e específicas, que não seriam habilmente reconhecidas por aqueles que entrassem em contato, eram “guardadas” para os que possuíam a “bagagem” adequada com a qual perceberiam todos os pormenores descritos no texto. Com o tempo eles foram se tornando disponíveis de uma forma mais geral a todos aqueles que quisessem lê-los. Entretanto, sem esta “separação”, o que é exposto através de uma teoria, para ser compreensível, depende primeiramente do modo como este filósofo se expressa. Em segunda instância a compreensão depende do conteúdo de saberes adquiridos pelo leitor deste texto, pois é a partir deles que vai tecer as relações necessárias à “composição” de sentido.

[...] Significa que a filosofia não pode contentar-se em ser compreendida somente de maneira filosófica ou conceitual, mas que ela se endereça também, em sua essência, aos não filósofos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 51-52).

Quando um filósofo reconhece para quem a sua “mensagem” será emitida, antes de escrever um texto, consegue aprimorar a qualidade do conteúdo em exposição. Se possui como ponto de partida a sua leitura por pessoas que não são filósofos, torna-se requisito indispensável uma remodelação ou “facilitação” dos termos ali expostos com o intuito de ser perfeitamente compreendido. Desse modo, poderíamos então introduzir o termo, comumente utilizado em linguística, *adequação vocabular*, em que se considera necessário estabelecer previamente uma análise daqueles com quem iremos entrar em contato⁹ para assim precisarmos os termos e a maneira como vamos nos expressar. Isso advém de um reconhecimento da limitação que pode se instaurar entre pessoas que não se relacionam com o léxico da mesma forma, ou podemos considerar aqueles sem o mesmo domínio dos vocábulos específicos¹⁰.

Tentemos compreender de onde vem a dificuldade para o leitor, que se sente confrontado a um universo obscuro e fechado. O leitor experiente passa também por uma dificuldade similar: quando se está mergulhado num universo de pensamento, é muito difícil adaptar-se bruscamente à leitura de um outro (COSSUTTA, 2001, p.60).

Dado que os textos filosóficos podem ser “separados” entre os que visam à especificidade de um argumento, ou seja, alcançar níveis mais profundos de uma teoria e os que visam à tomada de conhecimento de

⁹ Aqui especificadamente tomamos como referência o texto escrito.

¹⁰ O termo “específico” remete às varias ramificações teóricas na filosofia e suas hierarquias terminológicas próprias. Com exemplo, na área da epistemologia há os termos próprios que vão ser recorrentes em discursos que estejam inseridas neste patamar teórico. Além disso, específicos são os termos que circulam entre as diversas correntes filosóficas.

uma teoria de forma mais panorâmica, logo se estabelece uma divisão de leitores. Podemos então destacar que a linguagem utilizada para a expressão, e conseqüentemente comunicação, deve ser diferenciada, para que ambos compreendam o que é dito e possam compreender tanto o discurso, panoramicamente, quanto a explanação ofertada. Estamos considerando que ambos os textos serão lidos por pessoas interessadas no tema, tendo elas os procurado com o intuito de contato com o que lhes é dito. Assim, podemos então considerar os leitores ideais não como aqueles a possuírem um aparato cognitivo hábil para a apreensão de teorias, mas sim como os motivados por conhecê-las.

Entretanto, quer um indivíduo tenha um conhecimento superficial ou possua um mais profundo do que é dito e esteja já embebido em seus conceitos, “ler” filosofia consiste em tomar contato com sua “linguagem própria¹¹”. Pois ela interage com o mundo através das teorias que são construídas a partir de observação, reflexão e re-construção dele a partir do que é dito e de como é dito.

[...] ler um texto filosófico é uma tarefa árdua, que exige um esforço não tão ligado à obscuridade de um estilo quanto à própria forma da discursividade filosófica (COSSUTTA, 2001, p.60).

Sendo assim, os textos filosóficos podem ser classificados em vários níveis de dificuldade – dependendo não só do conteúdo exposto como também da forma como ele é “projetado” através da linguagem utilizada. Quando se leva em consideração para quem nosso texto se dirige, e até que ponto queremos causar uma “vertigem” como forma de produzir naquele que lê uma reflexão, ou se apenas queremos informá-lo de algo, introduzir um conceito específico, demonstrar uma nova

11 O modo como a filosofia se utiliza da linguagem entre os problemas, temas e conceitos.

abordagem sobre uma teoria, analisar elementos teóricos minuciosamente, entre outras intenções¹² – é necessária uma escolha dessa abordagem. Em um nível apenas informativo, remetendo a outras teorias para elucidar alguns tópicos pontuais, uma dosagem exagerada de relações pode tornar inviável a compreensão. Aqui chegamos a um “entroncamento”, pois a filosofia geralmente é produzida com argumentação, fundamentada em teorias anteriores, e não em um panorama meramente informativo. Entretanto, se há diversos níveis de teorização filosófica também podemos considerar que há inúmeras possibilidades de fazê-lo – e o um texto em filosofia pode tanto conduzir um leitor iniciante ao seu “universo” quanto propiciar que um habituado com todo o conjunto de saberes, do ambiente teórico constituído, um contato amplificado por novas relações entre exposições¹³. Segundo Koch¹⁴, em matéria de informatividade e da distribuição da informação, se um texto apenas produz teoria conhecida acaba por ser circular e lhe falta a progressão necessária; de outra forma, ao fornecer apenas novas informações torna-se improcessável pelo pensamento que necessita de âncoras para prosseguir o raciocínio (2009, p. 41).

[...] não só os conhecimentos prévios são de extrema importância no processamento textual, e, portanto, para o estabelecimento da coerência, como também os conhecimentos partilhados – entre os interlocutores, que vão determinar, por exemplo, o balanceamento entre o que precisa ser explicitado e o que pode ficar implícito no texto (Koch, 2009, p. 45).

Ao mesmo tempo, um filósofo precisa ter autonomia para “erguer” a sua construção teórica, dando às ideias existentes em seu pensamento

¹² Intenção abordada aqui como a clara vontade de algo.

¹³ Também considerados os problemas e conceitos.

¹⁴ 2009, p. 41.

as expressões que reproduzam de forma mais eficaz¹⁵ o contexto como um todo. A teoria é um *corpus*, um sistema complexo e vivo que carece de carne, de forma – e para crescer necessita do alimento-conceito, inserido em interconexões e também como parte ativa, de uma cadência de argumentos. A lógica subjetiva do pensador, mesmo que remeta a uma mais ampla, possui um movimento original e único que está além de uma formalização objetiva.

[...] o conceito não é nem a palavra, nem a coisa, nem sua relação, como também não é a imagem mental que lhe está associada. Ele é um objeto do pensamento construído dentro da ordem da representação, pela qual tentamos reatribuir, de forma unívoca e explícita, a significação que queremos dar às palavras, às coisas e à sua relação. Essa é a razão pela qual uma das tarefas filosóficas essenciais consiste em proceder à conceitualização (COSSUTTA, 2001, p. 51).

Desse modo, mesmo traçando seu pensamento através dos conceitos já “assentados” no âmbito filosófico, por via de concepções anteriores, ele pode se deparar com uma barreira que restringe o seu dizer. Entre os termos dispostos que já estão inter-relacionados e que compõem uma soma teórica de problemas e conceitos, não conseguirá tomar um deles para relacionar com a sua formulação – de modo a evitar “macular” o sentido pretendido¹⁶ na coerência interior do conjunto a ser exposto. Também podemos considerar a situação no qual esta teia de relações, anterior ao seu dizer, é tão densa que se torna “impermeável” ao “elemento intruso” que uma nova relação poderia propor.

¹⁵ “[...] a língua natural não constitui apenas o veículo mas também um meio dotado de uma autonomia, que tem uma vida própria, dentro da qual o filósofo tenta abrir um caminho em direção ao conceito (COSSUTTA, 2001, p.58).”

¹⁶ Do verbo pretender – ter a intenção de.

O batismo de conceitos solicita um *gosto* propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza (DELEUZE, 2010, p. 14) [grifo do autor].

Alguns filósofos procedem de forma cautelosa na formulação e concepção de conceitos, como se a maior necessidade fosse a de primeiro tornar “real” a sua teoria remetendo-a ao já existente “corpo teórico”. Outros “emergem” as suas ideias através do “nascimento” destes, da criação e recriação de termos filosóficos.

1.2 LINGUAGEM E CONCEITUALIZAÇÃO

A linguagem é a tessitura do real e também a possibilidade de compreensão do mundo – e ainda mais: de interação com ele. Ela é o antes, o meio e o depois – sem nos atermos ao significado do visto, lido, pensado ou falado. A linguagem perpassa o homem, o espaço-tempo, a história, a cultura, e oportuniza ao ser humano conceber e expressar o mundo¹⁷. Entretanto, é fato que a linguagem está além de uma teoria concisa, que a explique perfeitamente em seus meandros. Aqui não é pretendido fazer uma extensa explanação sobre os fatores que a compõe, pois partimos deste patamar de suposição do que já foi dito acerca dela por tantos pensadores e estudiosos do tema. Há muitas ramificações do estudo sobre a linguagem e reduzi-la a algumas páginas de texto é uma atitude pretenciosa. Refletimos sobre a linguagem-instrumento que nos serve como possibilidade de comunicar algo¹⁸ e ser compreendido neste ato.

¹⁷ E também de se expressar ao mundo.

¹⁸ Conteúdo filosófico exposto através de textos.

[...] a escrita é mais do que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade (HIGOUNET, 2003, p. 9).

A linguagem é indissociável da subjetividade daquele que comunica algo, já que podemos perceber um contínuo “derramar-se¹⁹” sobre as suas próprias expressões. O homem precisa da linguagem para viabilizar o seu *status* humano, para estabelecer o seu *constructo* interno no ambiente exterior. A conceitualização é parte do movimento de dar “forma interior” deste ambiente vivenciado e de compreendê-lo. Entretanto, o homem precisa fazer-se compreendido e as palavras disponíveis partilhadas por outros, também condicionados ao mesmo ambiente, permitem que seja realizada a comunicação – o vínculo do pensar em conjunto, a tensão dos argumentos formada por variáveis talvez não mensuráveis objetivamente e que concluem ou discordam. A tese, antítese e síntese fundamentadas no diálogo das mentes, na convivência dos corpos.

1.2.1 O SIMBÓLICO DISPONÍVEL

Os seres humanos são naturalmente imersos em um universo simbólico. Desde o nascimento observamos e aprendemos que cada objeto, palavra, fato e situação significam algo. Formamos “bagagem” através dessa dupla via de perceber e apreender aquilo que o ambiente externo nos indica. Como parte de nosso cotidiano, relacionamo-nos com estas impressões do mundo em nós e somamos a elas as nossas formulações

¹⁹ O ser humano percebe o mundo e comunica algo através dessas percepções, assim, a subjetividade atua nesse expressar.

próprias, destacando internamente aquilo que nos parece mais coerente.

Este simbolismo perpassa diversos níveis do conhecimento humano, desde os mais básicos e sensoriais de ‘o que é quente pode queimar’ até os mais complexos em que realizamos uma dedução lógica mais profunda. Por isso podemos inferir que compartilhamos, em parte, de um mesmo conjunto simbólico e isso independe da localidade geográfica habitada por cada um de nós. Estamos ligados às alegorias e intrinsecamente tecemos comparações entre o já vivido e o que é percebido no momento presente. A nossa memória permite que remetamos o particular ao comum, fazendo das experiências exclusivas um caminho para o coletivo como parte de um “encaixe” de significado – duas pontas que ao se encontrarem permitem visualizar o panorama completo.

O símbolo não permite reduções, a sua lógica revela uma espécie de fragmentação explosiva que nos vai fornecer a *unidade do múltiplo*, talvez represente mesmo essa *unidade* (LIMA, 1983, p. 48) [grifo do autor].

Aqui estamos delineando as proporções do simbólico, pois definir o próprio símbolo não é uma tarefa fácil. Este se encontra em uma gama de inter-relações: o símbolo ultrapassa limites exclusivamente formais. Ao ser muito mais do que um sinal e mais abrangente do que uma convenção ele está diretamente ligado à própria dinâmica do pensar, na medida dessa capacidade de transcendência do formal e do formato, pois “o símbolo é polissêmico porque encerra uma simultaneidade de sentidos” (LIMA, 1983, p. 47).

Essa possibilidade “infinita” de relações que remetem a vivências subjetivas de cada indivíduo, sendo ao mesmo tempo parte de um

universo compartilhado, permite que se represente através da linguagem uma série de *estados mentais*²⁰ e sejam eles compreendidos pelos demais.

O símbolo, igualmente, dissimula e revela. Dissimula porque é uma representação de outra coisa que pode ser abstracta (sic) e estar ausente mas cuja ausência se torna presença pela imagem (LIMA, 1983, p. 49).

Desse modo estamos introduzindo, além do simbólico, o que se refere a ele, o que busca nele exposição e condição de significação. A linguagem bebe da fonte simbólica disponível e permite, por estarmos anteriormente familiarizados com este aparato de simbologias, reconhecer seus referentes na utilização de uma imagem ou de uma palavra. O conteúdo expressivo coletivo (pelo qual comunicam, refletem, questionam, interagem e permite a soma de saberes) está envolto de um universo simbólico que nutre o imaginário²¹ individual.

[...] Assim, o símbolo gera *senso* e *consenso*. *Senso*, porque é um instrumento de conhecimento, leva o indivíduo a tomar consciência da sua própria situação, de que é *um* no meio de *muitos*; *consenso*, porque também conduz o indivíduo, nas suas maneiras de pensar e de agir, a assimilar-se aos outros ou ao outro, a construir uma memória colectiva (sic), a edificar uma mundivivência (LIMA, 1983, p. 54-55) [grifo do autor].

Se considerarmos simultaneamente o pensamento de alguém da Rússia, Japão, Brasil, México e o que o termo “casa” atribui dentro de cada um, considerando o contexto de campo simbólico comum, podemos supor que a forma com o qual irão simbolizá-la será a mesma, pois todos já tiveram contato com uma e isso está retido em seu imaginário.

²⁰ Que representa a “realidade” interna, subjetiva.

²¹ Diz respeito ao pensamento e o conteúdo subjetivo.

Entretanto, a diferenciação em sua representação textual será a forma como é escrita, já que as línguas são diferentes e, conseqüentemente, as palavras²² também. Ao mesmo tempo, a conceitualização se dará na mente de cada indivíduo em um nível mais próximo da linguagem, por ser uma medida mais formal, uma “categorização classificatória qualitativa” que remete a vários “objetos” um elemento comum. Ou seja, o conceito classifica, define, e provê limites mais “precisos” para aquilo que tomamos contato.

Na linguagem dos símbolos, o significado é qualquer coisa de *inacabado* para o locutor e para o interlocutor; por isso, permite o aparecimento sistemático de “novos” significados ao próprio *significado condicionado* (LIMA, 1983, p. 39) [grifo do autor].

O campo simbólico traça um espaço indefinido e ao mesmo tempo amplo no qual a linguagem se insere, e nesta a língua e subsequentemente a experiência individual como “núcleo” deste mosaico. É difícil arriscar definir os limites que os separam, mas podemos caracterizar aquilo que é experienciado por cada pessoa como o ponto central da diferenciação entre os modos de pensar e se expressar.

1.2.2 O SIGNO COMO REPRESENTAÇÃO DO PENSAR

Ao tentamos qualificar o pensamento entramos em um âmbito ainda muito discutido que beira algumas tantas variações filosóficas e estudos científicos²³, sobre as funções do cérebro e se há a divisão

²² É notório que há diversas palavras que ou são idênticas, ou têm o mesmo radical que lhes originou, ou são derivações de outras. Entretanto, essa reflexão sobre a origem das línguas e dos porquês em suas concepções internas – ao mesmo tempo em que se reflete sobre a possibilidade de uma língua-mãe – sai do escopo deste trabalho. São diversas teorias que linguistas, filólogos e outros formularam para uma explanação mais profunda do tema.

²³ Em áreas específicas como a linguística, neurologia, medicina e psicologia.

mente/cérebro. Poderíamos citar diversas teorias que já são bastante abordadas, mas presume-se aqui apenas o fator cognição e que o cérebro é um aparato que nos propicia o aprendizado e a construção lógica, além de impressões provindas das sensações e da capacidade imaginativa. Além de termos a possibilidade de apreendermos o mundo através dos cinco sentidos, a memória permite retermos todo o conteúdo vivido, ao menos grande parte dele, e somarmos também neste conjunto o “conhecimento” que nos é “proporcionado” pelo ambiente, construído através da história, disponível nos livros – e oportunizado pelos registros que a escrita permitiu.

Nós “transferimos” com signos inequívocos os significados aos elementos da realidade em que vivemos, e articulamos os elementos indicativos em todas as combinações e permutações possíveis, realizamos um “cálculo”, que torna possível uma “linguagem universal”, uma *scientia generalis*, uma arte “combinatória” (CASARES, 2000 p. 16).²⁴

Segundo Bordenave (1982), no decorrer da história os homens associaram aos objetos, ações, sons e gestos – desse modo nasceu o signo, e é importante ressaltar que “*a atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular* (p. 24)”. Também destaca a gramática como outra invenção de amplitude e importância, que estabeleceu o conjunto de regras do relacionamento dos signos entre si e, portanto, evitou que cada pessoa os “agrupasse” à sua maneira. Se houvesse um vasto repertório de signos à disposição, mas sem regras para a sua utilização, a comunicação seria

²⁴ Nosotros “transferimos” con signos inequívocos los significados a los elementos de la realidad en los que vivimos, y articulando los elementos indicativos en todas las combinaciones y permutaciones posibles, realizamos un “cálculo”, que hace posible un “language universal”, una *scientia generalis*, un arte “combinatória” (CASARES, 2000, p. 16).

impraticável. Os signos, mais a estruturação de sua apresentação, permitiram a linguagem, e com o tempo se pôde compreender que algumas palavras indicavam ação, outras nomeavam coisas, outras descreviam qualidades ou estados de coisas, dentre outras funções do discurso.

A linguagem escrita nasceu da representação inicial dos objetos do mundo pelos homens através de imagens gráficas, os pictogramas, e se a intenção fosse a de expressar “mulher”, ela seria representada com as suas formas femininas características; do mesmo modo em relação a um animal, seja ele qual fosse – seria referido iconograficamente. Entretanto, a limitação da imagem fez com que, em vez de “coisas no mundo”, fosse necessário a manifestação de ideias por meio dos signos. Assim, inicialmente a escrita seguia a ordem da língua falada, sendo os signos um após o outro cronologicamente dispostos. Bordenave completa dizendo que o fato dos homens perceberem que as palavras, ou os nomes dos objetos, eram compostos de unidades menores de som (fonemas), lhes prestou liberdade ainda maior, pois permitiu que surgissem signos representativos de unidades de som menores ainda; e dessa forma, as letras e os alfabetos fossem constituídos.

As formas que representam as ideias e as emoções chamam-se *signos*. Signo é todo objeto perceptível que de alguma maneira remete a outro objeto, toma o lugar de outra coisa. Se pudéssemos influir diretamente nas mentes de outras pessoas não precisaríamos de signos para transmitir nossas ideias e emoções. [...] Daí a necessidade de “significar” nosso mundo interior para poder compartilhá-lo com os demais. Em geral, os signos formam conjuntos organizados chamados *códigos* (BORDENAVE, 1982, p. 39).

O pensar necessita da linguagem e de seu caráter sistemático para, num movimento duplo, compreender o ambiente e comunicar por meio de expressões constituídas através da língua, que contém o seu léxico.

Há uma espécie de “decodificação” (BORDENAVE, 1982, p.43) necessária feita no processo de comunicação de algo, e precisamos reconhecer tanto o código como o que ele representa para buscarmos na memória o objeto ou ideia correspondente. Para, assim, podermos passar à fase da interpretação do expresso, pela junção dos elementos considerados na mensagem como um todo. As palavras²⁵ “apontam” para o conteúdo, são os “signos linguísticos” e chegamos num ponto em que é necessário diferenciar signo, significante e significado²⁶. Segundo Henriques (2011):

O significante é o dado concreto do signo, a sua realidade material, tanto do ponto de vista sonoro quanto do gráfico. Já o significado é o dado imaterial, conceitual do signo, algo que remete a uma representação verbal provocada pelo signo (p. 9).

Ele observa que se fosse inventado atualmente um aparelho capaz de transformar gelo em chocolate, certamente seria batizado. A escolha do nome para designá-lo seria arbitrária e esse processo seria regido apenas pela necessidade de um significante pelo qual um significado fosse reconhecido publicamente.

Se não soubermos qual o *significado* ou se não reconhecermos qual o *significante* não poderemos compreender o *signo linguístico*. Quando isso acontece [...], não temos os instrumentos para participar do processo de comunicação, pois não sabemos de que ou de quem se está falando (p. 12) [grifo do autor].

Assim, “o significado não é uma propriedade do signo, mas um conjunto de relações das quais o signo é a tradução externa”

²⁵ Além de palavras também: “termos”, “conceitos”, ou o próprio “signo”.

²⁶ Há diversas teorias em semiologia, semiótica e linguística que explanam com minúcias esta tríade. Cada qual insere especificidades a seu modo, ao tema.

(BORDENAVE, 1982, p. 67), pois a palavra que designa algo não é algo em particular senão a relação com o conceito que a pessoa tem sobre ele. Então o significado está nas mentes das pessoas, pelos conceitos ou imagens subjetivas.

Quando transpomos as ideias expostas anteriormente para a filosofia temos a particularidade de que ela constitui a sua “terminologia” própria, pela qual transitamos em leituras e elaborações. É preciso reconhecê-los para configurar sentido àquilo com o qual tomamos contato. Mas, além disso, temos de seguir além dos termos e conceitos e ver, “através” deles, um panorama de relações possíveis. Ou seja, nosso “campo de visão” vai estar limitado pelo que já conhecemos e pelas possibilidades dispostas em nossa experiência subjetiva.

Equilibrando a prioridade em torno à subjetividade, os propósitos de uma reflexão filosófica sobre a fala humana se aproximam aos de esclarecer a "linguagem da filosofia", entendendo que os signos são cooperação, em uma análise secundária, à função essencial da filosofia que se ocupa em esclarecer a representação que a subjetividade elabora por si mesma e sobre a realidade (FAFIÁN, [200-], p. 21, tradução nossa)²⁷.

As palavras, os termos, os conceitos estão disponíveis em um nível objetivo, mas a escolha destes é que caracterizará cada discurso particular. Há um percurso que é feito pelo autor desde a concepção da ideia, entre as ramificações estabelecidas dentro de sua própria subjetividade, até a intenção de comunicar e a escolha dos elementos textuais. E cada termo escolhido para exemplificar materialmente a sua experiência vai somar-se a outros, numa espécie de “cadeia sequencial”, segundo uma

²⁷ “Balanceando la prioridad hacia la subjetividad, los propósitos de una reflexión filosófica em torno al hablar humano se aproximan a los de clarificar el “lenguaje de la filosofía”, entendiendo que los signos son cooperación, a la postre secundaria, a la función esencial de la filosofía que se cifra em clarificar la representación que la subjetividade elabora por sí misma y sobre la realidad (FAFIÁN, [200-], p. 21).”

coerência interna que diz respeito ao seu movimento de pensar e expressar.

O signo faz sempre conhecer alguma coisa a mais mediante a atividade da *interpretação*, que é consubstancial à atuação do conteúdo de toda expressão. Toda palavra abre-se sempre para um sentido segundo porque comporta numerosas conotações, frequentemente contraditórias. Toda expressão linguística veicula descrições de fatos e esses fatos podem tornar-se signo de alguma outra coisa mediante complexos mecanismos de inferência (ECO, 1991, p. 208-209) [grifo do autor].

Não obstante, a expressão refletirá no leitor também como uma “cadeia de significação” interna, no percurso de seu contato com o texto, pelas relações que faz com o mundo e pela conexão dos argumentos entre si, ao buscar coerência e com a “bagagem” possuída para a interpretação e reflexão sobre aquilo com o qual tomou contato. É uma sucessão de movimentos que convergem, em um, para “o comunicar” e no outro, para “o compreender”.

1.2.3 PENSAMENTO E COMUNICAÇÃO

Após abordarmos as questões do simbólico disponível e do signo que remonta àquele, o qual nos utilizamos para expressar o nosso pensamento, o item atual reflete sobre a relação entre eles com o propósito de comunicar. Ao seguirmos uma sequência lógica de premissas para que uma comunicação suceda de forma eficaz, para que tanto o emissor expresse com clareza a sua mensagem quanto o receptor a compreenda com destreza. Vemos que, nesse ínterim, há um processo cognitivo que se dá na relação entre as partes e que faz total diferença para o seu sucesso.

O processo de comunicar através de um texto, de expressar ideias após concebê-las, necessita de um trabalho de interpretação. A hermenêutica²⁸ reflete sobre as possibilidades de compreensão, pretendendo ser minuciosa em suas elaborações. Interpretar, em Fafián, significa dar valor²⁹ ao que é dito no discurso alheio, o que envolve elementos subjetivos, além de estar ligado à capacidade do emissor do discurso de gerar significado ao que é dito.

[...] significância que reclama ser interpretada, o que solicita não somente previsões gramaticais, estritamente centradas na língua ou nos textos, mas também contar com as capacidades comunicativas dos interlocutores, a dimensão verdadeira ou não das mensagens e a possibilidade de sua aplicação (FAFIÁN, [200-], p. 172, tradução nossa)³⁰.

O texto, inclusive o filosófico, parte desse caráter de registro do pensar e busca uma condução³¹ do leitor, pelo desenvolvimento da ideia original e construção de argumentos que envolvem ramificações conceituais e inter-referênciação, tanto do que é expresso, “dobrando-se” sobre o próprio dito, quanto ao referido em outros textos e autores.

Um texto não é apenas um aparato de comunicação. É um aparato que questiona os sistemas de significações preexistentes a ele, frequentemente os renova, às vezes os destrói (ECO, 1991, p. 31).

28 “A hermenêutica, tal como deriva de Schleiermacher e Dilthey, tendeu a identificar a interpretação com categoria de “compreensão” e a definir a compreensão como o reconhecimento da intenção de um autor do ponto de vista dos endereçados primitivos, na situação original do discurso” (RICOEUR, 1976, p. 34).

29 Processo de “valoração”: dar importância ao que é expresso. FAFIÁN, [200-], p. 172.

30 “[...] significancia que reclama ser interpretada, lo que solicita no sólo previsiones gramaticales, estrictamente centradas en la lengua o en los textos, sino también contar con las capacidades comunicativas de los interlocutores, la dimension veritativa o no de los mensajes y la posibilidad de su aplicación (FAFIÁN, [200-], p. 172).”

31 O autor que conduz o leitor à compreensão do seu pensamento através do expresso textualmente.

Essa “condução” do autor pode ser questionada se tratarmos o texto como algo feito, declarando que está “imóvel” em suas condições dinâmicas, pois conteria em si todas as informações pertinentes à sua leitura, naquele dado momento. Esta leitura será, no entanto, influenciada pelas experiências do leitor, na medida em que ele tece as relações objetivadas no texto. Do mesmo modo, será influenciada pelo “sintoma” cronológico, já que aponta para uma experiência de “mundo” em um certo momento. Há diversos outros fatores que podem desfocar o exposto através da linguagem escrita e também o compreendido por sua leitura.

A autonomia semântica do texto torna a relação do evento e do significado mais complexa e, neste sentido, revela-se como uma relação dialética (sic). O significado autoral torna-se justamente uma dimensão do texto na medida em que o autor não está disponível para ser interrogado (RICOEUR, 1976, p. 42).

Segundo Charaudeau, dentre as condições de produção e interpretação do ato de linguagem, também chamado por ele de circunstâncias do discurso, destaca-se a consciência da diferença entre os saberes do enunciador e do interpretante, que está diretamente baseada em suas práticas sociais: “saber individual e saber coletivo deslocam-se constantemente em função do deslocamento das relações interindividuais e coletivas” (2009, p. 30). Desse modo, supondo o conteúdo³² conhecido, vai haver um “filtro construtor de sentido” entre as partes. Após, ele afirma:

“a significação de um ato de linguagem é uma totalidade não autônoma, já que ela depende de filtros de saberes que a constroem, tanto do ponto de

32 É improvável, e digamos até impossível, conseguirmos fazer mais do que “supor” acerca do “saber” de outrem.

vista do Enunciador, quanto do ponto de vista do Interpretante” (CHARAUDEAU, 2009, p. 32-33).

A construção de sentido em um texto depende de duas pontas que se unem, como se fossem dois rádios sintonizados na faixa de ondas que permite escutarem-se – ao menos. E o ajuste até a exata “estação” para ambos vai se dando no percurso de perceber o que é dito, ao treinar o “ouvido” intelectual. Para isso importa atentar aos saberes do outro, daquele com quem travamos um diálogo – mesmo que indireto³³. Assim, delineamos uma margem “comum” de expressão com o intuito de obter não só uma comunicação, mas a expressão e entendimento do exposto.

A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (KOCH, 2009, p. 33) [grifo do autor].

Contudo, Ricoeur (1976) elabora sobre até que ponto um texto, ou livro, partindo da intenção de ser para um determinado público leitor, chega até ele sem passar pelas mãos de outros tantos a quem não foi inicialmente destinado. Se é assim, os meios pelo qual atinge seu propósito se dá por leis de exclusão e admissão social, mas se considerarmos a leitura como um fenômeno social temos de admitir que haverá limites para a propagação de qualquer obra. De outro modo, os leitores, em seu contato e apreciação de um texto, o farão ser conhecido

³³ Indireto aqui significa a diferenciação entre o que acontece através de um texto e aquele propiciado pessoalmente – em que vamos percebendo mais facilmente as dimensões do conhecimento alheio através das palavras, conceitos, exemplos, que são escolhidos e usados.

pelos outros membros da sociedade, restrita³⁴ ou não. Ricoeur alega ser uma obra ao mesmo tempo direcionada a alguns, o que se manifesta na autonomia semântica do texto, e isso lhe possibilita uma plateia a partir da que se torna reconhecida, tendo em vista o apreço deste auditório formado.

³⁴ Aqui o restrito diz respeito a um certo público intelectual, como de uma área específica do conhecimento.



A METÁFORA COMO 'PONTE' ENTRE A INTENÇÃO E O SENTIDO NO TEXTO FILOSÓFICO

INTRODUÇÃO

A metáfora tem uma história longa, tanto na filosofia quanto fora dela, pois desde a antiguidade se tece sobre as suas competências dentro de um discurso. Também é questionado sobre até que ponto ela pode ser realmente instrutiva e se o recurso não é apenas o de “embelezar” argumentos. Alguns filósofos, linguistas, filólogos e também teóricos de outras áreas a estudaram na tentativa de esboçar uma teoria concisa. Porém, “falar da metáfora significa falar da atividade retórica em toda a sua complexidade” (ECO, 1991, p. 141-142).

Quando abordamos aqui a metáfora levamos em consideração os elementos presentes e já expostos no capítulo anterior tanto na maneira como interagimos com o ambiente externo quanto sobre como nos expressamos através da linguagem. Expandimos o panorama, levando em consideração a sua retomada como elemento válido na construção de sentido. Neste caso, ela se torna uma “ponte” que permite a travessia, tanto do autor em direção ao seu leitor, quanto o inverso. A metáfora permite um dialogar, pois delimita um “campo” comum de compreensão. As metáforas:

[...] são meios econômicos de se expressar uma grande quantidade de informação. Ao mesmo tempo, são um modo simples de expressar um rico conjunto de ideias, que não poderia ser bem expresso sem elas. As metáforas também criam uma relação de proximidade com o ouvinte, o leitor ou a

plateia, pois ao “entender” a metáfora, o leitor passa a ser cúmplice do falante (SARDINHA, 2007, p. 13-14).

2.1 CONSTRUÇÃO DA METÁFORA

Sua nomenclatura provém “[...] do grego ‘metapherein’, que significa ‘transferência’ ou ‘transporte’. Etimologicamente, é formada por ‘meta’, que quer dizer ‘mudança’, e por ‘pherein’, que significa ‘carregar’” (SARDINHA, 2007, p. 21-22). Aristóteles aborda a metáfora na *Retórica* e na *Poética* e, inicialmente, ela foi caracterizada como um recurso retórico, e concebida como transferência de significado de uma “coisa” a outra. Ricoeur (1976) expressa que, na retórica tradicional, foi denominada como uma figura que classificava as variações de sentido no uso das palavras, um *tropo*. Tempos depois, Cícero e Quintiliano acabaram por compreendê-la como uma comparação abreviada.

Porém, a metáfora não se resume a nenhuma destas opções, nas quais ela era reduzida a um efeito arbitrário e desviante da realidade na construção de argumentos. Isso ocorreu após ter se tornado alvo de críticas, por alegarem se tratar de um uso indevido da racionalidade necessária à expressão filosófica. Pois, se o expresso deveria ser dito através de palavras que remetessem ao mundo, literalmente, então não haveria a necessidade de dizê-lo metaforicamente.

Há algum tempo ela tem sido estudada sob vários aspectos e atualmente temos diversas exposições sobre a variedade de funções que ela pode adquirir em sua utilização em um texto. Tanto a função de assessorar a compreensão por alcançar níveis “mais altos” e não formais³⁵ na expressão de algo, como na de auxiliar a própria linguagem a expandir-

³⁵ Fora da formalização lógica de encadeamento de argumentos.

se pela inúmera capacidade de relações que permite realizar, possibilitando uma “significação ampliada” às palavras e conceitos. Aqui, cito Eco, ao expressar que, neste trabalho, “não nos interessa a metáfora como ornamento [...]. Interessa como meio de conhecimento *aditivo* e não *substitutivo*” (1991, p. 143-144) [grifo do autor].

A metáfora enriquece nosso conhecimento da enciclopédia porque incita a descobrir novas propriedades das entidades em jogo, não porque nos faça ficar numa zona interpretativa vaga em que não se sabe que entidades estão em jogo (ECO, 1991, p. 211).

Ou seja, partimos do pressuposto da metáfora como adição de conteúdo, ao invés de desvio de discurso e da lógica de argumentos.

2.1.1 COGNIÇÃO E ENTENDIMENTO DO MUNDO

O ser humano categoriza todos os elementos com os quais tem contato, e isso está fora de controle direto. Quando vivenciamos algo nós qualificamos tal experiência e a relacionamos com um conceito, formulando uma espécie de “valor” para descrevê-lo. Os indivíduos interagem com suas categorizações e as reformulam com o passar do tempo, adquirindo novos “conhecimentos” e estabelecendo novos parâmetros. Isso ocorre porque ao longo dessa relação com os objetos, pessoas e ambiente em geral, produzimos uma série de novas impressões que interferem em nossa compreensão sobre cada proposição com a qual já havíamos tomado contato. Assim, também re-categorizamos.

O homem faz parte desta “teia social” em que os vários elementos dispostos objetivamente ou subjetivamente é que dão sentido ao percebido cotidianamente. Isso implica em apreensão desse conteúdo e

consequente reformulação – a partir de uma compreensão prévia da realidade³⁶.

A maior imperfeição de que padece nosso espírito é a incapacidade de abstrair completamente, isto é, de extrair um conceito, de conceber uma ideia sem qualquer contato com a realidade concreta. Assimilamos as noções abstratas aos objetos de nossas percepções sensíveis porque é o único modo que temos de tomar conhecimento deles e de torná-los inteligíveis aos outros. Tal é a origem da metáfora (BALLY apud COSSUTTA, 2001, p. 101).

Quanto à linguagem, a partir de estudos aprofundados na década de 80 sobre a interação do emissor e do leitor de um texto, houve uma “virada cognitiva” em que:

[...] o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso (KOCH, 2009, p. 21).

Seguindo por este aspecto, Marcuschi (2007, p. 43) descreve um argumento expresso por Harris de que nós não somos apenas mentes se comunicando, nós somos corpos humanos dotados cada qual de uma mente e inseridos em contextos particulares. Isso é inerente a cada ato comunicacional e nos conduz a pensar diferentemente a comunicação – e, conseqüentemente, o entendimento mútuo do que é dito. Aqui podemos destacar que a compreensão se dá em um movimento duplo do pensamento em cada indivíduo até a expressão desse pensar, do que foi

³⁶ Um indivíduo deverá contar com alguma compreensão, mesmo que em um nível superficial, do que está ocorrendo ao seu redor, para considerá-lo passível de reformulação.

expresso de volta ao pensar pela interpretação, e, no “meio”, pelo encontro, pelo diálogo destes pensamentos, ou seja, dessas “mentes”.

As coisas não estão no mundo da maneira como dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva do mundo em que vivemos (MARCUSCHI, 2007, p. 126).

Os seres atuam mentalmente em seu cotidiano, apesar de estarem corporificados e interagindo através das sensações. Não podemos dizer que há uma absorção “pura” do real, pois o homem está no “radical” de toda a construção que se faz à sua volta e do que ele tece sobre o que acontece ao seu redor. Em tudo está imbricado o seu olhar, que tenta captar o cerne das coisas, porém apenas acaba por somá-las a si. Além de estarmos atuando cognitivamente a todo o momento, estabelecendo “valores” através da percepção do mundo e da reflexão sobre ele precisamos tornar isso objetivo às pessoas com as quais interagimos. E ao comunicarmos aos outros sempre o fazemos a partir de todo este vasto campo de relações.

Nossa genuína habilidade de linguagem depende da capacidade do cérebro em reconhecer e gerar linguagem, e os símbolos usados nesta transmissão são moldados pela cultura. [...] Na criação de novas metáforas, contudo, as associações de algum modo são formadas em um processo neuronal, gerando expressões que perturbam o status quo da língua usual. Metáforas causam mudanças nas formas como percebemos o mundo, e estas mudanças conceituais geralmente causam mudanças nas formas como agimos no mundo (CORMAC, 1985, p. 149)³⁷.

³⁷ “Our very language ability depends on the capacity of the brain to recognize and generate language, and the symbols used in this transmission are shaped by culture. [...] In the creation of new metaphors, however, the associations somehow are formed in a neuronal process, generating expressions that disturb the status quo of ordinary language. Metaphors bring about changes in the ways in which we perceive the world, and these

Assim, apesar da metáfora ser uma “quebra” na estrutura formal e sequencial da linguagem ela acrescenta algo no texto, de caráter subjetivo, ao mesmo tempo em que acrescenta uma relação com a “figuração” nesta conexão junto do imaginário comum e sua amplitude simbólica. Esta “realidade interior”, a qual aponta para o mundo, é necessária para a compreensão mútua, já que “se antes do texto não existissem signos (expressão e conteúdo), toda metáfora só diria que uma coisa é uma coisa. Ao contrário, diz que aquela coisa (linguística) é ao mesmo tempo uma outra (ECO, 1991, p. 31)”. Metaforizar implica “figurar” na linguagem o mundo enquanto se solicita a “figura” impressa na mente do outro e se “re-figura” o sentido literal e disposto da realidade.

Metáforas realizam a função cognitiva de criar novos significados através da justaposição de referentes na linguagem. Sem eles, a humanidade acharia difícil ampliar este conhecimento no desconhecido, e a linguagem seria largamente imutável (CORMAC, 1985, p. 50)³⁸.

A metáfora reordena elementos e parte da relação com o “absurdo”, o não literal, o que está fora de uma concepção comum – para desenvolver uma configuração de sentido: na acepção de “apontar para”. Ela sai do “real” e aponta para o abstrato, para o conceito, para o simbólico, para o imaginário, enquanto se mantém, de algum modo, conectada com a realidade.

conceptual changes often bring about changes in the ways we which we act in the world (CORMAC, 1985, p. 149).”

38 “Metaphors perform the cognitive function of creating new meanings through the juxtaposition of referents in language. Without them, humanity would find it difficult to extend its knowledge into the unknown, and language would be largely static (CORMAC, 1985, p. 50).”

2.1.2 A LINGUAGEM-INSTRUMENTO

O léxico de cada língua apresenta diversos meios de expressar-se um argumento, sob aspectos lógicos e analíticos e sintetizando todo um apanhado de desenvolvimento racional. Cada indivíduo tem, em seu vocabulário, um instrumento tanto para a compreensão do mundo, como para a interação e criação de novos parâmetros e conceitos. Servimo-nos de palavras que, justapostas, reproduzem nossas impressões sobre cada situação.

A linguagem representa a forma mais alta de uma faculdade que é inerente à condição humana: a faculdade de simbolizar. Entendemos por isso, de uma maneira muito geral, a faculdade de “representar” o real por um signo, e de compreender o símbolo como representante do real e, portanto, de estabelecer uma relação entre uma coisa e outra distinta (BENVENISTE, 1966, p. 26 apud FAFIÁN, [200-], p. 288, tradução nossa) [grifo do autor]³⁹.

Como vivemos em um mundo de ambientes contíguos, limitados por barreiras virtuais de línguas e histórias em paralelo, e pelas diversidades socioculturais, possuímos algumas divergências linguísticas; mas isso ocorre ao mesmo tempo com a linguagem estruturada formalmente. Entretanto, essas distinções, tanto experienciais quanto formais das vivências que apreendem o imediatamente ao redor, possibilitam ao nosso comunicar reconhecer o semelhante, o já visto. Sendo assim:

Uma língua não é determinada, nem constitui um sistema simbólico estruturado *a priori*, mas sim um sistema estruturante. [...] A apropriação da linguagem no formato de uma língua não é aleatória, mas condicionada pela

³⁹ “El lenguaje representa la forma más alta de una facultad que es inherente a la condición humana: la facultad de simbolizar. Entendemos por ello, de una manera muy general, la facultad de ‘representar’ lo real por un signo, y de comprender el símbolo como representante de lo real y, por tanto, de establecer una relación entre una cosa y otra distinta (BENVENISTE, 1966, p. 26 apud FAFIÁN, [200-], p. 288).”

inserção social e pelo contexto em que estamos situados (MARCUSCHI, 2007, p. 38-39) [grifo do autor].

Uma forma de ver as metáforas é sob o patamar linguístico proporcionado pela língua e que acaba por limitar sua construção, pois a combinação de algumas palavras somente terá sentido naquela região, nas relações reconhecidas que estabelecem e configuram sentido ao serem devidamente compreendidas.

[...] estudada particularmente no que diz respeito à língua verbal, a metáfora soa como escândalo para qualquer linguística porque, de fato, é mecanismo semiótico que aparece em quase todos os sistemas de signos, mas de modo a remeter a explicação linguística a mecanismos semióticos que não são próprios da língua falada (ECO, 1991, p. 143).

Já sob o aspecto da cultura, Sardinha, ao fornecer um exemplo utilizando o conceito de tempo, denota a dificuldade de sua expressão por termos (expressões) que não envolvam a metáfora expressa: “Muitos conceitos só podem ser entendidos como metáfora” (2007, p. 15), pois elas só possuem significação em um ambiente que reconheça do que se trata. Para isso, desenvolve a expressão “economizar tempo” como algo só embebido de significado para uma sociedade que relacione tempo e dinheiro como valiosos. Assim, diz que ao usarmos a expressão “descascar tempo”, relacionando o tempo com uma fruta, estaríamos “quebrando” algumas regras convencionais de comunicação. Entretanto admite o seu uso como bem-vindo em “gêneros do discurso” menos convencionais, os quais, por serem mais criativos, permitem metáforas mais originais.

A metáfora, como expressão substituta, deve ser entendida como um fenômeno ordinário subjacente a todas as operações linguísticas, ficando assim

legitimado o uso metafórico e, portanto, o simbólico, como procedimento ordinário da linguagem, não desprovido de referência, mesmo que esta não seja direta (FAFIÁN, [200-], p. 243, tradução nossa)⁴⁰.

Por outro lado, Medina expressa: “todos os significados são metafóricos; todos os domínios semânticos da linguagem são povoados por entidades metafóricas, que são formadas por nossas projeções subjetivas” (p. 131) mencionando o que foi concluído por Nietzsche acerca das metáforas. E continua dizendo que para o filósofo os conceitos envolvem a “equação de coisas desiguais”, por seu caráter de generalidade. Pois, ao formularmos um conceito precisamos nos esquecer do característico e diverso entre os elementos da mesma categoria. E, nesse processo, pelo ato de tomarmos um elemento em comum para criarmos um conceito de “folha”, por exemplo, acabamos por descartar, numa espécie de “apagamento”, o que diferencia as “folhas” como unidades, igualando-as. Além disso, Nietzsche considera as palavras como mentirosas, já que estão longe de relatar a realidade – são instâncias imperfeitas de coisas reais.

Para Ricoeur, as metáforas mortas não são aquelas que caíram em desuso; mas sim aquelas expressões que, quando as usamos, não mais experimentamos o seu caráter metafórico [...]. As metáforas tornam-se gastas e perdem o seu caráter dinâmico: elas se tornam ossificadas (MEDINA, 2005, p. 134).

Ricoeur, a seu turno, também remete às “palavras-metáforas”. E percebemos, a partir de sua leitura (2000), que as palavras dão nome tanto ao palpável como ao impalpável. De qualquer forma, tanto para o abstrato como para o concreto, é necessário que tenhamos entrado em

⁴⁰ “La metáfora, como expresión sustitutiva, debe ser entendida como un fenómeno ordinario subyacente a todas las operaciones lingüísticas, quedando así legitimado el uso metafórico y, por tanto, el simbólico, como procedimiento ordinario del lenguaje, no despojado de referencia, aunque ésta no sea directa (FAFIÁN, [200-], p. 243).”

contato com este mundo e suas nomenclaturas para reconhecê-las no texto. Quando lemos “casa amarela”, vemos os “nomes” de “objetos” armazenados em nossa memória.

“As metáforas funcionam na nossa mente. Embora sejam usadas na linguagem, por qualquer um, desde cedo, elas são ditas porque existem na nossa mente, como meios naturais para estruturar nosso pensamento” (SARDINHA, 2007, p. 13-14).

A metáfora somente chega onde a palavra não alcança porque conduz o discurso através da imagem e da simbologia. Vai além do meramente “dizível”, pois tece relações supra-lógicas⁴¹. Ela permite “saltos” de compreensão por usar de toda esta capacidade humana de figurar o mundo dentro de si e [...] a linguagem não é um simples modo de comunicação, mas é sobretudo a consumação evolutiva de um modo de conhecimento pela representação simbólica (DEACON apud MARCUSCHI, p. 38).

Dentro disso, a própria linguagem e o seu envolvimento com o simbólico “originador” permite essa propagação de uma imagem no ato de comunicar e em um texto.

Pela linguagem o simbolismo natural perde seu traço de figura ou ícone que reproduz e se torna em palavra que significa. E, por sua vez, porque a palavra significa e não re-figura, ela pode simbolizar aquilo que a coisa expressa de forma condensada através da generalização manifesta de sentidos simbólicos diversos e polivalentes (FAFIÁN, [200-], p. 284, tradução nossa)⁴².

⁴¹ Quando o conteúdo pensado segue um encadeamento lógico acima do normalmente feito, ou considerado como tal.

⁴² “Por el lenguaje el simbolismo natural pierde su traza de figura o icono que reproduce y se trueca en palabra que significa. Y, a su vez, porque la palabra significa y no refigura, ella puede simbolizar aquello que la cosa expresa de forma condensada a través de la generación manifiesta de sentidos simbólicos diversos e polivalentes (FAFIÁN, [200-], p. 284).”

Esta múltipla relação com o simbólico torna a metáfora um recurso de produção de significado dentro de um texto filosófico⁴³, ao mesmo tempo em que toda uma teoria pode ser embasada “em cima” de uma metaforização⁴⁴. Cossutta observa: “A metáfora tem portanto um *papel estrutural* no interior do discurso filosófico, quer este se construa tentando dominá-la, quer ela seja o centro gerador do texto” (COSSUTTA, 2001, p. 127) [grifo do autor]. Apesar disso, muitos filósofos restringiram seu uso. Neste caso, Cormac explica que “a anomalia semântica conceitual das metáforas intimidou os filósofos do passado porque eles exigiram precisão na linguagem e um procedimento de decisão para determinar a verdade ou falsidade das declarações (1985, p. 51, tradução nossa)⁴⁵.”

Metáforas dependem de ambas produzirem polissemia – os múltiplos significados associados a uma única palavra. A menos que uma palavra possa ser usada em mais do que um sentido, a metáfora é impossível. E metáforas normalmente justapõem referentes desassociados, por meio disso criando novos significados (CORMAC, 1985, p. 83, tradução nossa)⁴⁶.

A condução dos argumentos só é possível porque ela atravessa o mundo trazendo elementos reais para dentro dos conceitos abstratos. Se, por exemplo, cada metáfora fosse nomeada com o intuito de torná-

⁴³ “[...] o recurso metafórico está profundamente engajado na elaboração filosófica, não apenas nos textos que a utilizam com largueza mas também nos que restringem seu uso (COSSUTTA, 2001, p. 103) [grifo do autor].”

⁴⁴ “[...] a escrita bergsoniana, mesmo se completamente inervada de imagens, permanece na forma tradicional de expressão filosófica. [...] não apenas a imagem é fonte doadora de sentido, mas constitui um critério de interpretação para todas as formas abstratas que a partir daí são desqualificadas ou relativizadas [...] (COSSUTTA, 2001, p. 125).”

⁴⁵ “The conceptual semantic anomaly of metaphors frightened past philosophers because they demanded precision in language and a decision procedure for ascertaining the truth or falsity of statements (CORMAC, 1985, p. 51).”

⁴⁶ “Metaphors both depend on and produce polysemy – the multiple meanings associated with a single word. Unless a word can be taken in more than one sense, metaphor is impossible. And metaphors juxtapose normally unassociated referents, thereby creating new meanings (CORMAC, 1985, p. 83).”

las válidas a remeteríamos unicamente ao universo linguístico das palavras e dos conceitos que contém em si uma dimensão categórica e referencial – e, desse modo, ela perderia o seu caráter transcendental, de “dar a volta” por detrás deles e expressar uma ideia ou um conteúdo logicamente.

2.1.3 AS RELAÇÕES ANALÓGICO-IMAGÉTICAS

Nosso pensamento busca no mundo as relações de sentido e produz em nós alguma revalorização, uma confirmação ou modificação de conceitos. Já abordamos as propriedades através da utilização das descrições por via do vocabulário disponível para cada indivíduo, seguindo também as variações advindas de sua limitação regional. As pessoas têm em si a representação mental, imagética, de cada formulação sîgnica do mundo – ou seja: para cada palavra que descreva algo temos sua referência interna.

As metáforas são construídas a partir de uma construção imagética⁴⁷, que tira do mundo e de nosso conhecimento acerca dele uma composição que gere significado. O artifício de utilização da imagem⁴⁸ supre, em sua maioria, uma limitação lexical pois todos experienciamos o mundo e o conhecemos perceptivamente.

A lógica da metáfora provém do simbólico, abre um mundo de correspondências e de analogias, enquanto a conceitualidade demonstrativa afasta a

⁴⁷ “[...] parece claro que tratar da metáfora significa, no mínimo, tratar também (e a lista é incompleta) de: símbolo, ideograma, modelo, arquétipo, sonho, desejo, delírio, rito, mito, magia, criatividade, paradigma, ícone, representação – e ainda, obviamente, linguagem, signo, significado, sentido (ECO, 1991, p. 142)”.

⁴⁸ “[...] em Bergson [...], é uma imagem originária que garante o ponto de irrupção de um conjunto metafórico complexo, estruturado em superfície por uma cena ou um esquema (COSSUTTA, 2001, p. 124).”

polissemia e as conexões vagas. A metáfora prolifera sobre si mesma, cada imagem engendra outra e espalha-se no texto todo (COSSUTTA, 2001, p. 128).

Construímos sentido através da percepção lógico-espaco-temporal, na interação com a realidade, e aqui podemos adicionar a subjetividade dessa realidade como também “construtora” de sentido. Cada pessoa “forja” seu próprio mosaico de imagens, associando-as de modo singular. Pode-se lançar então um paradigma no qual a objetividade da realidade dos fatos provê uma imagem condizente com a subjetividade de alguém que relaciona as imagens a partir de sua experiência⁴⁹. Entretanto, dada a impossibilidade de podermos afirmar tanto o fato de que as pessoas concebem da mesma forma as imagens que dão significado figurativo ao que está ao seu redor, quanto afirmar que todos resumem o mundo dentro de si do mesmo jeito, figurando com formas idênticas, devemos tomar um ponto como base para o juízo de nossas formulações. Desse modo, seguimos contando com a opção de todos relacionarem as mesmas imagens como meio de compreender o mundo.

Sem metáfora, que tipo de mundo conceitual nós enfrentaríamos? Eu percebi que sem metáfora, a formação de hipóteses seria drasticamente limitada e que a mudança semântica poderia não acontecer. [...] Se alguém quer descrever um novo insight, como este alguém pode fazê-lo exceto em termos do que já é familiar, expandindo o significado do conhecido para o desconhecido (CORMAC, 1985, p. 51).⁵⁰

⁴⁹ Por exemplo, neste caso uma casa deveria ter a imagem condizente como sendo, igualmente, a casa. Quando, a partir da experiência de uma pessoa em particular, ao invés da imagem da casa, ela relaciona uma porta e a maçaneta, há uma significação singular em curso.

⁵⁰ “Without metaphor, what kind of conceptual world would we face? I have just noted that without metaphor, the formation of hypotheses would be drastically limited and that semantic change might not occur. [...] If one wants to describe a new insight, how can one do so except in terms of what is already familiar, extending the meaning of the know to the unknown (CORMAC, 1985, p. 51).”

Seguindo essa concepção lógica, a figuratividade⁵¹ está para o mundo assim como o homem está para a percepção dele – através da concepção imagética dos fatos, os assimilando e reagindo a eles através de todo um universo simbólico disponível – e nisso a linguagem é parte necessária⁵² pois antecede qualquer constatação e ao mesmo tempo é o meio de produção dela. Por uma leitura de Wittgenstein⁵³, Fafián conclui:

[...] a linguagem é tanto capacidade representativa como mediação simbólica a respeito do mundo. Por esse caminho, se faz muito frutífera uma dupla lição: a que vincula significação com referência, inclusa nas linguagens simbólicas, e a que faz da linguagem um transcendental com valor cognitivo, tanto lógico ou estrutural, como projetivo ou antecipatório, tal como acontece, por exemplo, com a maquete de um edifício (FAFIÁN, [200-], p. 260-261, tradução nossa)⁵⁴.

A metáfora supera a analogia porque acarreta sub-relações entre outros elementos, pois não consiste em apenas duas expressões que fazem referência a algo em uma “balança”. Não é a equivalência que dá sentido no ato de metaforizar, mas sim a “tessitura”⁵⁵ da relação feita e a sua capacidade de demonstrar significado.

Na metáfora o homem encontra a fonte de energia imaginativa que lhe permite engendra-las consigo mesmo e com o mundo, graças a esse elemento

⁵¹ “Todos os aspectos da reflexão são suscetíveis de ser substituídos pela imagem, sobretudo porque a língua, que o filósofo retrabalha, como vimos, é ela própria subtendida por um conjunto de campos metafóricos imersos (COSSUTTA, 2001, p. 118).”

⁵² Já que não consideramos apenas a “absorção” do mundo, mas também a reflexão sobre ele e sua posterior expressão – seja através de diálogo, texto ou outras.

⁵³ Tractatus Logico-Philosophicus, [19-], [s.l.].

⁵⁴ “[...] el lenguaje es tanto capacidad representativa como mediación simbólica respecto al mundo. Por este camino, se hace muy fructífera una doble lección: la que vincula significación con referencia, incluso en los lenguajes simbólicos, y la que hace del lenguaje un transcendental con valor cognitivo, tanto lógico o estructural, como proyectivo o anticipatorio, tal como sucede, por ejemplo, con la maqueta de un edificio (FAFIÁN, [200-], p. 260 – 261).”

⁵⁵ Esta palavra diz respeito a capacidade de se fazer evidente.

originário capaz de relacionar coisas diversas, distantes entre si e inclusive opostas, possibilitando invenções e gerando significados. O ato da metaforização é um âmbito ligado às mais primordiais realidades humanas: a partir da metáfora se constituem para nós mundo, linguagem e pensamento (CASARES, 2000, p. 11)⁵⁶.

Então, se metáfora compreende uma teia tão ampla de relações no mundo, na linguagem e até no processo do próprio pensar – e digamos que em uma dimensão ainda incomensurável, ela se torna extremamente útil para o discurso filosófico. Para fornecer sentido ao dito através destas “imagens” reconhecidas e apreendidas “instantaneamente”. De outro modo, mesmo que estejam ausentes intencionalmente de um texto elas acabam fazendo parte, em algum nível, desse discurso.

Jamais haveria, portanto, “grau zero” de metaforização, porque a língua comporta uma parte de imagens “imersas”. Do mesmo modo, o discurso filosófico integra metáforas “gastas” que mal se percebem enquanto tais, mas que não podem escapar à análise (COSSUTTA, 2001, p. 100-101) [grifo do autor].

Há filósofos, como Bergson, que habilmente se utilizam da metáfora como “exemplos em movimento” em seu texto, pois geralmente elas estão envoltas em um movimento que possui “cadência” com o próprio texto. As metáforas neste filósofo são um exemplo de como elas podem crescer significado e sentido, apontando para algo, e mesmo assim permanecerem dotadas de uma lógica peculiar – em que a

⁵⁶ “En la metáfora halla el hombre la fuente de energía imaginativa que le permite ingeniárselas consigo mismo y con el mundo, gracias a ese elemento originario capaz de relacionar cosas diversas, distantes entre sí e incluso opuestas, possibilitando invenciones y gestando significados. El de la metaforicidad es un ámbito ligado a las más primordiales realidades humanas: a partir de la metáfora se constituyen para nosotros mundo, lenguaje y pensamiento (CASARES, 2000, p. 11).”

supressão de alguma de suas imagens poria em risco toda a sequência de argumentos.

[...] Ora podemos recorrer à tradução, mas não à substituição: a imagem é bem utilizada para uma dessas propriedades essenciais; ora, ao contrário, o tema é aleatório, mas a supressão impossível. A metáfora não é nem um desvio interno nem uma ruptura, não combina com a língua empregada pelo filósofo nem com a construção do espaço da “*dóxa*”, mas constitui um momento indispensável da análise (COSSUTTA, 2001, p. 125).

Bergson conduz o leitor através desse universo de conceitos, próprio da filosofia, enquanto vai tramando os argumentos entre as imagens, elas são o que “nasce” ao mesmo tempo em que são o “berço” e são o “olhar que zela” enquanto observa um horizonte de significado. Um breve exemplo, como um recorte:

A linha que medimos é imóvel, o tempo é mobilidade. A linha é algo já feito, o tempo aquilo que se faz e, mesmo, aquilo que faz de modo que tudo se faça. A medida do tempo nunca versa sobre a duração enquanto duração; contamos apenas um certo número de extremidades de intervalos ou de *momentos*, isto é, em suma, paradas virtuais do tempo. Estabelecer que um acontecimento irá se produzir ao cabo de um tempo *t* é simplesmente exprimir que, até lá, teremos contado um número *t* de simultaneidades de um certo tipo. Entre as simultaneidades, ocorrerá tudo o que quiser. (BERGSON, 2006, p. 5) [grifo do autor].

Ele fala sobre a duração, um dos conceitos presentes em sua obra enquanto se expressa em uma linguagem metafórica e fala do tempo. E há uma profundidade diversa para cada um que tomar o texto nas mãos, pois as metáforas são expressivas por si – nas sub-relações que tornam possível ao leitor a partir delas tomar outras vias e dentro de si rumar para diversas reflexões. Em cada um habita um universo único.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser humano é “estar colado” neste planeta, cercado de outros seres - vários humanos, e tentar apreender o que nos “engole” cotidianamente. É procurar refletir sobre si mesmo e sobre a própria existência, “abraçando” uma realidade a “nos olhar fundo nos olhos” - parecendo sempre nos indagar algo. Questionamos o tempo inteiro e as respostas estão sempre “tangenciando” a verdade. Neste ato de estar presente em um ambiente que está sempre “nos excedendo” e de tentar “alcança-lo” pela linguagem estabelecemos conceitos, “fixando” em nossas mentes algo que consiga categorizar algumas partes desse todo. “Esquartejamos” o real para buscar compreendê-lo enquanto ele “dá a volta por trás de nós e olha por dentro dos nossos olhos”. Estamos “embebidos” de nós mesmos, “encharcados” pelas experiências e “ensopados” através da história, que “úmida” de relações nos antecede.

Procuramos nos comunicar, fazer o outro entender algo tão vivo e “colorido” para nós – mas neste “prisma” chamado mundo, de muitas “cores disponíveis”, é difícil derramar os pigmentos certos para compor ao outro o exato “tom” dentro de nós. Neste ponto, a linguagem permite que estabeleçamos uma conexão para ao menos tentarmos, de muitas maneiras. Entretanto, cada indivíduo tem um jeito de pensar e “vê as cores” sob “o seu olhar”, por isso conceituamos em filosofia – para estabelecer um ponto em comum e aí então poder dialogar, formular argumentos, “construir” teorias. O próprio ato de filosofar excede um método, a “fixidez” não pretende fazer parte da maioria das “teorizações” filosóficas, apesar da filosofia tentar estabelecer esta “lógica do

“mundo”, uma verdade fora do âmbito contingente que se torna “nublado” por tantas “parciais” verdades.

Uma atitude relativista vai colocar as teorias perante casos e mais casos a serem qualificados e uma projeção generalista vai mensurar todas as possibilidades dentro de um mesmo patamar ignorando as suas particularidades. Contudo, uma análise imparcial vai alegar que elementos possíveis de auxiliar no percurso filosófico, de pensar sobre as coisas tangíveis enquanto permitam ao filósofo remeter em seu discurso sobre concepções inacessíveis, por transcenderem uma definição formal enquanto ao mesmo tempo são embasados completamente em teor lógico, factual e, sobretudo, possam permitir o acesso à compreensão do leitor de um texto de filosofia – serão extremamente válidos e bem-vindos.

A metáfora não tem somente um valor de permitir o sentido para aqueles que leem textos filosóficos; ela permite que os próprios filósofos compreendam o seu próprio pensar. Elas são mais do que uma ponte que permita que o escritor-filósofo e o leitor se encontrem para “dialogar”, são também a ponte que permite ao pensar seguir até o seu manifestar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos, 67)

CASARES, Manuel Barrios; FERNÁNDEZ, José M. Sevilla (Ed.). **Metáfora y discurso filosófico**. Madri: Editorial Tecnos, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva, [19--].(Debates, 168)

COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentações da filosofia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

CORMAC, Earl R. Mac. **A cognitive theory of metaphor**. London, England: Bradford books, 1985.

COSSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura dos textos filosóficos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.

FAFIÁN, Manuel Maceiras. **Metamorfosis del language**. [Espanha]: Editorial Síntesis, [200-].

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 3 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LIMA, Mesquitela. **Antropologia do simbólico: (ou o simbólico da Antropologia)**. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MEDINA, José. **Linguagem: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Portugal, Lisboa: Edições 70, [197?].

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Párabola Editorial, 2007.

STEIN, Ernildo. **Racionalidade e existência: o ambiente humano e as ciências humanas**. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org